

Identidade: objeto ainda não identificado?

Identité: objet pas encore identifié?

Maria do Rosario GREGOLIN*

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO - UNESP

RESUMO

A identidade só foi tomada como objeto de investigação quando se transformou em um problema, afirma Bauman (2005). Pensando-a do ponto de vista sociológico, esse autor a entende como busca de pertencimento, fenômeno típico da modernidade tardia. Essa é uma das possibilidades de pensar os fenômenos identitários; mas há outras maneiras de encará-lo (pelas vias da psicanálise, da antropologia, da filosofia...) e a fecundidade do tema tem produzido inúmeros trabalhos, em muitas áreas das Ciências Humanas. Neste artigo, proponho pensar a identidade como efeito de sentido produzido pela e na linguagem. A questão central que está na base das discussões é: como tratar a identidade enquanto objeto da Análise do Discurso? Mais particularmente ainda: em que medida a proposta de análise dos discursos foucaultiana, centrada nas idéias de “práticas discursivas” e “práticas de si” (com as consequências teóricas daí derivadas) pode constituir uma base a partir da qual seja possível a abordagem discursiva do efeito discursivo chamado “identidade”?

* Sobre a autora ver página 97.

PALAVRAS-CHAVE: Identidades. Práticas discursivas. Análise do Discurso. Mídia.

RÉSUMÉ

L'identité a été vraiment prise comme objet d'investigation aussitôt qu'elle s'est transformée en un problème, affirme Bauman (2005). En la prenant du point de vue sociologique, cet auteur la considère comme recherche d'appartenance, phénomène typique de modernité tardive. Cela est une des possibilités pour se raisonner sur les phénomènes identitaires; mais il y a d'autres manières de l'envisager (par les voies de la psychanalyse, de l'anthropologie, de la philosophie...) et la fécondité du thème a produit plusieurs travaux, dans de divers champs des Sciences Humaines. Dans cet article, je propose de réfléchir sur l'identité comme un effet de sens produit par et dans le langage. La question centrale qui fonde ces discussions est : comment traiter l'identité en tant qu'objet de l'Analyse du Discours ? Mais particulièrement encore : dans quel mesure la proposition de l'analyse du discours foucauldien, centré sur les idées de « pratique discursives » et « pratiques de soi » (suivis de ses conséquences théoriques) peut construire une base à partir de laquelle soit possible l'abordage discursif de l'effet discursif appelé « identité » ?

MOTS-CLÉS: Identités. Pratiques discursives. Analyse du Discours. Médias.

1 Identidade: um manto leve, pronto a ser despido

O conceito de *identidade* é complexo, multifacetado e, por isso, pode ser pensado a partir de vários ângulos e tem sido objeto de reflexões em vários campos de estudos, como, por exemplo, na Antropologia, na Psicologia Social, na Sociologia, na Filosofia, na Psicanálise, etc. A questão que coloco no centro dos meus trabalhos é: pode-se pensar a identidade como efeito de sentido produzido pela e na linguagem? Para essa abordagem, penso ser importante retomar alguns autores que já trataram a identidade sob outros pontos de vista. Apesar da diversidade de aspectos que essas diferentes visões possibilitam, há algumas questões que são comuns e que podem nortear uma proposta discursiva para o estudo dos efeitos identitários.

A principal dessas questões diz respeito ao fato de todos concordarem que “identidade” é um processo que se desenvolve e se transforma com a História, de acordo com as concepções de *sujeito*. Hall (2002), por exemplo, sintetiza três dessas concepções que se desenvolveram nas sociedades ocidentais:

a) o sujeito do Iluminismo era pensado como totalmente centrado, unificado, dotado de razão, consciência e ação; seu centro essencial era a identidade de uma pessoa e, por isso, trata-se de uma concepção individualista e essencialmente masculina de *sujeito*;

b) o sujeito da Modernidade: a partir do século XIX, desenvolve-se em uma concepção interativa da identidade e do eu, baseada na complexidade do mundo moderno. A partir de então, o núcleo interior do sujeito não é autônomo e auto-suficiente, mas formado na relação com outras pessoas, que realizam a mediação dos valores, sentidos e símbolos (a cultura) do mundo em que ele habita. O sujeito ainda tem um centro interior, mas este se modifica no diálogo contínuo com os mundos culturais exteriores. A identidade preenche o espaço entre o interior e o exterior, entre o pessoal e o público e o sujeito se projeta nessas identidades culturais. A identidade costura o sujeito à estrutura, estabilizando tanto os sujeitos quanto os mundos culturais;

c) o sujeito da Pós-modernidade: a partir da segunda metade do século XX, o sujeito passa a ser pensado como fragmentado, composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas. As identidades estão em colapso devido a mudanças estruturais e institucionais: *o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático* (HALL, 2002, p. 12). Não há uma identidade fixa, essencial ou permanente, pois ela é uma *celebração móvel*, que se transforma continuamente em relação com as formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. Ela é histórica e não biológica, nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. A sensação de unidade é dada por uma "narrativa do eu", uma ilusão.

Marx e Engels, no **Manifesto Comunista**, já observavam que na modernidade *tudo o que é sólido se desmancha no ar*. Isso se radicalizou

na modernidade tardia, cujas sociedades vivem mudanças constantes, rápidas e permanentes. Mudaram as práticas e a vivência se tornou uma constante reflexão de vida. A "globalização" tem um alto impacto sobre as identidades, transformando conceitos clássicos como de Estado, Nação e o próprio tempo e espaço. Instalam-se as descontinuidades, estabelecendo novas formas de interconexão social e alterando as características mais íntimas e pessoais de nossa existência cotidiana. Laclau (1990) usa o conceito de "deslocamento" para referir-se ao fato de que as estruturas possuem, atualmente, "uma pluralidade de centros de poder"¹, por isso, as sociedades modernas não têm um centro, um princípio organizador ou articulador único, isto é, elas não são uma totalidade e estão constantemente sendo deslocadas, descentradas por forças exteriores a si mesmas. Atravessadas pela diferença, produzem uma variedade de diversas *posições de sujeito* (identidades) e a estrutura identitária permanece aberta. Isso, no entanto, tem aspectos positivos, pois desarticulam-se as identidades estáveis do passado e abrem-se novas possibilidades de articulações, com a criação de novas identidades e a produção de novos sujeitos.

Hall (2002), como outros autores, trata da problemática da identidade situando-a no que chama de "pós-modernidade" ou "modernidade tardia", cujo limiar é a segunda metade do século XX. Para esse autor, a extensa discussão sobre a identidade é motivada, atualmente, pelo fato de que *as velhas identidades estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado* (2002, p. 7). A crise da identidade é provocada por mudanças globais que desestabilizaram os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais

¹ E, nessa reflexão, o autor coincide com a idéia de Foucault em sua genealogia do poder que propõe a existência de uma micro-física.

[...] mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados [...] a perda de um sentido de si estável. (HALL, 2002, p. 9).

Hall (2002) adota a posição segundo a qual *as identidades modernas estão sendo 'descentradas', isto é, deslocadas ou fragmentadas* pela dúvida e pela incerteza. Ele pretende analisar certas complexidades e aspectos contraditórios que a noção de “descentramento”, em sua forma mais simplificada, desconsidera.

Como outros autores, Hall (2002) insiste no fato de que, apesar de o conceito de “identidade” não ser novo, houve uma descontextualização na pós-modernidade. Essa opinião é compartilhada por Sousa Santos (2000, p. 135), para quem o humanismo renascentista fez aflorar a questão da subjetividade, a partir de duas tensões: a) entre o individual e o coletivo (até hoje não resolvida); b) entre uma concepção concreta e contextual da subjetividade (Montaigne; Rabelais) e uma concepção abstrata, sem tempo nem espaço definidos (Descartes). Essas duas tensões estiveram na base das teorias sociais dos últimos 350 anos e produziram algumas encruzilhadas que têm em sua base *a busca de equilíbrio entre a regulação social x a emancipação social* e que opõe o indivíduo e o Estado e desestabiliza as referências identitárias²:

Sabemos, hoje que as identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação. Mesmo as identidades aparentemente mais sólidas, como a de mulher, homem, país africano, país latino-americano ou país europeu, escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidades em constante processo de transformação, responsáveis, em última instância pela sucessão de configurações hermenêuticas que, de época para época, dão corpo e vida a tais identidades. Identidades são, pois, identificações em curso (SOUSA SANTOS, 2000, p. 135).

² Outra idéia compartilhada, principalmente por Sousa Santos, Hall e Bauman, refere-se às críticas aos “pais da Sociologia” (Durkheim e Weber), pois os paradigmas sociológicos clássicos não permitem a problematização do conceito de “identidade” por vários motivos: a) há uma cisão entre o individual e o coletivo; b) há uma separação disciplinar entre a sociologia (o estudo de “nós”, “civilizados”) e a antropologia (o estudo “deles”, “primitivos”) que cauciona as justificações da separação entre identidade e alteridade.

Outro autor a situar a emergência do problema da identidade como fruto da contemporaneidade é Bauman (2005), pensando-o a partir de mudanças globais da “modernidade líquida”³. Para ele, o problema da identidade só se coloca na atualidade, quando ela *perde as âncoras sociais que a faziam parecer ‘natural’, pré-determinada e inegociável* pois nesse momento, a ‘identificação’ torna-se cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um ‘nós’ a que possam pedir acesso (BAUMAN, 2005, p. 30). Há novas identidades, grupos virtuais (possibilitados pelas mídias digitais) efêmeros, que criam um “sentimento de nós”, uma ilusão de intimidade, um simulacro de comunidade. A modernidade tardia caracteriza-se pela mobilidade, pelas identidades móveis. A globalização cria uma verdadeira indústria de identidades (descartáveis, flutuantes) e faz parecer a cada indivíduo que ele deve *capturá-las em pleno vôo, usando seus próprios recursos e ferramentas* (BAUMAN, 2005, p. 35). É preciso buscar essas identidades móveis, pois acomodar-se em uma identidade fixa é muito mal-visto. É preciso ter mobilidade, pois a identidade deve ser *um manto leve pronto a ser despido a qualquer momento* (BAUMAN, 2005, p. 37). Na sociedade do espetáculo midiático, tudo deve ser efêmero. Em vez da estabilidade, deve-se buscar uma rede de conexões, pois a identidade é ambivalente: ao mesmo tempo, sonho e pesadelo.

A partir de sua autobiografia, o autor situa a identidade em relação ao *pertencimento*⁴: o que é a “nacionalidade” na modernidade

³Se para Bauman trata-se de compreender a “liquidez” e a instabilidade como grandes categorias que produzem as “identidades”, Boaventura de Souza Santos parte da ideia de “pós-modernidade”, mas centra sua análise nas transformações políticas fruto das relações entre indivíduos e Estado, em cuja base estão as tensões entre individual/coletivo; regulação/emancipação.

⁴O livro *Identidade* é composto por uma entrevista feita por e-mail. O entrevistador Vecchi situa Bauman como um “sociólogo eclético”, cujo pensamento tem natureza errante. Seu intelecto é “rebelde e rigoroso”, “fiel ao presente mas cuidadoso em reconhecer suas genealogias” (2005, p. 8). Neste livro, o autor trata de um tema “intangível e ambivalente” – *identidade* – relendo a sociologia moderna à luz da importância que o debate público desse tema tem atualmente, concluindo que não se deve buscar respostas tranquilizadoras nos textos consagrados do pensamento crítico. Para Bauman, a sociologia tem que interagir com outros campos do conhecimento e tratar tanto dos documentos consagrados quanto daqueles da cultura de massa. Judeu polonês, Bauman teve de enfrentar tanto os nazistas quanto o regime soviético. Teve de exilar-se na Inglaterra quando sua obra foi proibida na Polónia “socialista” depois de 1968. Por isso, o tema da identidade lhe é muito cara. A identidade é tratada por Bauman num quadro que considera a globalização (e o surgimento da “modernidade líquida”) como “grande transformação que afetou as estruturas estatais, as condições de trabalho, as relações entre os estados, as subjetividades coletivas... as relações entre o eu e o outro, o colapso do estado de bem-estar social, a insegurança.” A liquefação de instituições até bem pouco tempo muito sólidas levou à necessidade de debater as políticas de identidade na *modernidade líquida*.

tardia, pós-globalização, que opera por inclusões e exclusões? Como situar a identidade frente às comunidades (de vida; de destino)? As transformações da modernidade tornaram a identidade e o pertencimento em categorias fluidas, líquidas, errantes. Pensar a identidade é pensar o deslocamento, a desterritorialização:

[...] nessa época líquido-moderna, o mundo à nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais estão fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados. [...] Consequência da instabilidade: todos pertencemos a várias comunidades e temos, por isso, várias identidades. Elas flutuam no ar: algumas, de nossas próprias escolhas, outras impostas. ‘Sentir-se em casa’ exige um preço considerado alto a fim de constituir o ‘eu postulado’. (BAUMAN, 2005, p. 18-21)

Por isso, para Bauman (2005), a identidade é um efeito de pertencimento que tem em sua raiz o paradoxo da instabilidade: os lugares contemporâneos são permanentemente deslocados pelas máquinas de informação e, por isso, é impossível fixar-se rigidamente em um território identitário único.

2 Identidade: efeito discursivo?

A maioria dos autores que tem tratado a questão das identidades enxerga na atualidade elementos em comum: a descontinuidade, a fragmentação, a ruptura e o deslocamento. Para Bauman (2005), a globalização traz problemas para as identidades, pois os marcos divisórios (territoriais, nacionais, de gênero etc.) são cancelados e as biografias tornam-se quebra-cabeças de soluções difíceis e mutáveis. A identidade nacional, por exemplo, era medida pela proximidade geográfica (onde um sujeito nasceu). O alargamento do espaço de co-habitação começou a criar problemas de identidade. Como definir o que é a “nacionalidade”? Ela é uma ficção, não foi naturalmente gestada e incubada na experiência humana mas sim agenciada pelo Estado

moderno, para produzir união e coesão na diversidade. Ela se baseia na exclusão e na lealdade. Assim, a “nação” é uma comunidade imaginada que se tornou “natural”. Por exemplo, a Itália – com suas várias línguas e realidades locais – foi conclamada, pelo Estado, a sobrepor o local ao nacional. Essa conclamação não é realizada abstratamente: ela tem *materialidades*, ela funciona discursivamente nos textos que a concretizam nas formas das linguagens.



Figura 1: Folha de S. Paulo, 25/07/06

Estamos, o tempo todo, submetidos a movimentos de interpretação / reinterpretação que constituem discursivamente as identidades, como diante esta imagem, publicada na primeira página da Folha de S. Paulo. A matriz da imagem materna é o símbolo cristão da Pietá, mas ela foi transfigurada na mãe muçumana. Nessa transfiguração cruzam-se sentidos imemoriais da maternidade, da religiosidade e da etnia produzindo entre-lugares em que as identidades não podem se acomodar. Elas lutam, no interior dos discursos.

A *Pietá muçumana* da primeira página da *Folha de S. Paulo* atesta o deslocamento dos marcos divisórios e a composição de um quebra-cabeças imagético que erige a fluidez das identidades.



Figura 2: Pietá

Além disso, a construção identitária é a montagem de um quebra-cabeças cujo desenho total não conhecemos e no qual faltam peças. Por isso, as práticas discursivas de produção identitária são muito mais o trabalho de um *bricoleur*, que constrói todo tipo de coisas com os materiais que tem à mão. Se na fase sólida do capitalismo a identidade era erigida a partir das idéias de Estado e de classe, vivemos hoje a fase líquida, na qual todas as instituições perderam a força. Vivemos a “modernidade líquida”, nossas identidades devem ser cambiantes pois a *inflexibilidade* (em todos os aspectos da vida) é condenada, os “projetos de

vida sólidos” são abominados. Assim, o problema da pós-modernidade não é o de “definir sua identidade”, mas o de saber “até onde e quando devemos testar novas identidades”, pois a construção identitária é uma experimentação infundável (BAUMAN, 2005, p. 91).

Por isso, para Sousa Santos (2000), vivemos um processo constante de descontextualizações e recontextualizações de identidades. Ele cita, como exemplos dessa mobilidade, a re-emergência da etnicidade, o aparecimento dos fundamentalismos religiosos, a partir dos quais os Estados-nações são vistos como complexos culturais, étnicos; sujeitos às imigrações; às invasões culturais (através do *mass media* global) que misturam as culturas locais e regionais. Fenômenos globais ocorrem e levam à discussão sobre o nacional, o étnico, o sexual, o religioso etc. Dessa crise do Estado e da cultura nacional deriva, ao mesmo tempo, uma crise dos projetos emancipatórios. A sensação de que não há mais resistências parece ser decorrência do que Bauman denomina de a “liquidização das oposições” – onde estão os outros? contra quem lutar, se as identidades são efêmeras e flutuantes? O mal-estar da contemporaneidade advém do fato de que é muito complexa a tarefa de pensar as especificidades dos campos de confrontação e negociação em que as identidades se formam e se dissolvem.

Um fator determinante para essa mobilidade identitária sem fim é a mídia em geral e, particularmente, a eletrônica, já que a Internet possibilita os jogos com a identidade. Isso tem a ver com o fato de que nosso mundo fluido exige que as identidades não sejam permanentes: *é porque somos incessantemente forçados a torcer e moldar as nossas identidades, sem ser permitido que nos fixemos a uma delas, mesmo querendo, que instrumentos eletrônicos nos são acessíveis e tendem a ser entusiasticamente adotados por milhões.* (BAUMAN, 2005, p. 96-97). As redes sociais eletrônicas convidam à produção de identidades *fakes*: fazer-se passar por outro, criar codinomes e pseudônimos, inserir falsas imagens de si, criando comunidades como o *Orkut* ou as “guildas”⁵ dos jogos eletrônicos. Entretanto,

⁵ A palavra “guilda”, corrente entre os usuários de jogos eletrônicos, é adaptação do inglês *guild* (clã). Trata-se de um conjunto de jogadores que formam uma comunidade e jogam juntos, *online*. Entre essas comunidades, há jogos de poder e prestígio já que pertencer a uma guilda vencedora agrega valores aos jogadores na forma de objetos mágicos, armas, insígnias etc. Tudo virtual, isto

como afirmar que determinada identidade é “falsa” se aceitamos que não há uma única verdadeira? O sujeito da contemporaneidade é um consumidor de identidades cujos *kits* lhes estão disponíveis nas formas midiáticas (ROLNICK, 1997). Sentindo falta das redes consideradas seguras (parentesco, amizade, irmandade de destino...), é levado a buscar redes virtuais a fim de escapar das interações complexas. As interconexões virtuais promovem a “descartabilidade”: diferentemente das relações presenciais em que as perdas são trágicas, se se quer romper laços virtuais basta *deletar* um *amigo* de sua rede no *Orkut*. Sem drama, sem dor, tudo se desmancha continuamente no ciberespaço...

3 Pensando as identidades a partir da Análise do Discurso

As teorias que estão na base da Análise do Discurso colaboraram para o descentramento do sujeito cartesiano, e, dessa forma, oferecem meios para pensarmos as identidades na contemporaneidade:

- 1) **a re-leitura de Marx:** reinterpretando os escritos de Marx, autores como Althusser propõem que os indivíduos não podem ser os "autores" ou os agentes da história. O anti-humanismo teórico de Althusser deslocou o centro do homem para as estruturas. Ao mesmo tempo, a *genealogia do poder* desenvolvida por Foucault veio mostrar que as categorias de “classe”, “ideologia”, “aparelhos de Estado” devem ser repensadas a partir de uma micro-física do poder pois o sujeito contemporâneo está o tempo todo envolvido em micro-lutas cotidianas;
- 2) **a re-leitura de Freud:** a descoberta do inconsciente, a revelação de que nossas identidades, nossa sexualidade e a estrutura de nossos desejos são formadas com base em processos psíquicos e simbólicos, com base muito diferente daquela da Razão, arrasou com aquele conceito de sujeito racional, provido de uma identidade fixa e unificada. Ao reler Freud, Lacan propõe a negociação simbólica, por meio da qual se formam as

identidades (o espelho do olhar do outro). O sujeito é dividido mas vive a ilusão de unidade – essa é a origem contraditória da identidade. Ela é sempre incompleta, está sempre em processo, sempre sendo formada: por isso é **identificação**, processo em andamento, construção de biografias;

3) a re-leitura de Saussure: ao propor que "a língua é um sistema social"; "há arbitrariedade entre os signos e seus referentes"; "há polissemia nos sentidos", etc. – a Linguística saussureana despossuiu o sujeito de sua língua, ele deixou de ser "dono" de suas palavras. A releitura que Bakhtin faz de Saussure mostra esse sujeito lutando com signos ideológicos. Da mesma maneira, ao propor o projeto de Análise do Discurso, a releitura que Michel Pêcheux faz de Saussure apresenta esse sujeito que pensa que é a origem do dizer mas que está, sempre, sob uma dupla determinação: do sistema da língua e da História.

No interior da Análise do Discurso, a arqueogenealogia de Michel Foucault oferece um vasto campo de problematizações para pensarmos o problema das identidades.

A pertinência de Foucault deve-se, primeiramente, ao fato de o objetivo central de seus estudos ter sido produzir uma história dos diferentes modos de objetivação/ subjetivação do ser humano em nossa cultura, tratando de *três modos de objetivação que transformaram os seres humanos em sujeito* (FOUCAULT, 1995): em *As Palavras e as coisas*, ele tratou das práticas discursivas que objetivaram o homem como sujeito falante (Filologia e Gramática), ser produtivo (Economia Política) e ser vivo (Biologia); em *História da Loucura e Vigiar e Punir*, abordou as práticas disciplinares que objetivam o sujeito (são/ louco / doente; criminoso/ ordeiro); na *História da Sexualidade*, tratou das práticas subjetivadoras pelas quais o ser humano se transforma em sujeito de si para si (técnicas de si) ao constituir sua sexualidade.

Nesses três domínios – do saber, do poder e da ética – o sujeito estabelece relações sobre as coisas, sobre a ação dos outros e sobre si. Por

isso, ele é uma noção histórica, foi sendo constituído por longos, áduos e conflituosos acontecimentos discursivos, epistêmicos e práticos.

Produto histórico de práticas discursivas, o sujeito é reportado a *posições possíveis de subjetividade*. Não importa quem fala, mas o que ele diz, ele não o diz de um lugar qualquer. Assim, além de terem uma memória (repetibilidade) e materialidade, os enunciados estabelecem relações com quem os enuncia. Ao analisar essas relações, não se buscam as intenções, mas essas posições do sujeito, que podem ser ocupadas por aqueles que preencherem certas condições - normas institucionais ou jurídicas, *status* ou função que ocupa - e elas dizem quem pode legitimamente vir a ocupar a posição de sujeito. Isso varia de acordo com o gênero (discurso médico, pedagógico, jurídico, linguagem cotidiana, literária, etc.): o médico, por exemplo, só pode ocupar a posição de sujeito do discurso sobre a loucura a partir do século XIX. As modalidades de enunciação mostram a dispersão do sujeito, isto é, os diversos estatutos, lugares, posições que ele pode ocupar. Se alguém enunciou algo, só pôde fazê-lo mediante condições estritas que aparecem no regime regulador dos enunciados de uma época. A prática discursiva regula a função do sujeito: num discurso jornalístico pede-se, por exemplo, “objetividade”, “informação”. As práticas discursivas, o que uma época pôde dizer, quais objetos acolheu, quais indivíduos puderam ocupar a posição sujeito nos enunciados que constituem tais práticas - estas idéias, centrais na análise de discursos proposta por Foucault, mostram que nem tudo pode ser dito, nem de qualquer instância e nem por qualquer um.

Para Foucault, o ser humano tem acesso a si através de saberes (“jogos de verdade”). O homem produz por meio de técnicas de produção, comunica-se por meio de técnicas simbólicas, governa a si e aos outros por meio de relações de poder e elabora técnicas para voltar-se para si (tecnologias do eu).

Cabe ao arqueogenealogista interpretar ou fazer a história do presente, mostrando que as transformações históricas foram as

responsáveis pela nossa atual constituição como sujeitos objetiváveis por ciências, normalizáveis por disciplinas e dotados de uma subjetividade pela invenção de uma ciência sobre o sexo.

O sujeito é uma permanente construção, no interior da história. Certas formas jurídicas, como a inquirição e o exame produziram novas formas de subjetividade. Por exemplo, no caso das prisões, as práticas do exame, da internação e da correção. Ou o capitalismo, que forjou toda uma série de técnicas de poder para ligar o indivíduo ao trabalho, para torná-lo força produtiva. Esse tipo de poder exige e cria uma série de saberes sobre o indivíduo e produz o homem como objeto de saber: para tornar o corpo produtivo, organizam e repartem o tempo e o espaço. É um poder micro-físico, que se espalha e se pulveriza na sociedade, por meio do qual todos vigiam, controlam, disciplinam a todos (*o panopticon*). A disciplina fabrica indivíduos úteis. Ao mesmo tempo, a sociedade moderna faz a “objetivação” aparecer ao sujeito como “subjetividade” (acreditamos que somos livres, únicos, donos de nosso destino...). Nossa sociedade privilegia o poder da norma, da vigilância e do exame bem como uma verdade técnico-científica acerca do individual. Por esses mecanismos, o Ocidente criou uma verdade: a da individualidade.

Como os sujeitos são sociais e os sentidos são históricos, os discursos se confrontam, digladiam-se, envolvem-se em batalhas, expressando as lutas em torno de dispositivos identitários. Foucault (1978) enxerga, nesses intensos movimentos, uma *microfísica do poder*: pulverizados em todo o campo social, os micro-poderes promovem uma contínua luta pelo estabelecimento de verdades que, sendo históricas, são relativas, instáveis e estão em permanente reconfiguração. Eles sintetizam e põem em circulação as *vontades de verdade* de parcelas da sociedade, em um certo momento de sua história. As identidades são, pois, construções discursivas: o que é “ser normal”, “ser louco”, “ser incompetente”, “ser ignorante”... senão relatividades estabelecidas pelos jogos desses micro-poderes?

Para Foucault (1995), na sociedade contemporânea, as lutas giram em torno de uma mesma questão: a da *busca da identidade*. O principal

objetivo dessas lutas não é o de atacar esta ou aquela instituição de poder, ou grupo, ou classe ou elite, mas sim uma técnica particular, uma forma de poder que se exerce sobre a vida cotidiana imediata. Esse poder, contra o qual os sujeitos se digladiam em micro-lutas cotidianas, classifica os indivíduos em categorias, designa-os pela individualidade, liga-os a uma pretensa identidade, impõe-lhes uma lei de verdade que é necessário reconhecer e que os outros devem reconhecer neles. É uma forma de poder que transforma os indivíduos em sujeitos. Jamais, na História das sociedades humanas, se encontrou uma combinação tão complexa de técnicas de individualização e de procedimentos totalizadores. Por meio da ação “pastoral”, desenvolve-se uma tática individualizante, característica de toda uma série de poderes múltiplos (da família, da medicina, da psiquiatria, da educação, dos empregadores, etc.) cujo objetivo principal é o de forjar representações de subjetividades e impor formas de individualidades. Assim, a *subjetividade*, para Foucault, diz respeito às práticas, às técnicas, por meio das quais o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de “verdade”. Esses processos de subjetivação são diferentes e diversos nas diferentes épocas.

4 A produção discursiva das identidades na mídia

Imagens como as da *Pietá mulçumana*, publicada na primeira página da *Folha de S. Paulo*, nos defrontam com as identidades como categorias fluidas, líquidas, errantes. Como dispositivo social, a mídia produz deslocamentos e desterritorializações. Ao mesmo tempo, esse trabalho discursivo de produção de identidades cumpre funções sociais básicas tradicionalmente desempenhadas pelos *mitos* - a reprodução de imagens culturais, a generalização e a integração social dos indivíduos.



Figura 3: Propaganda Arrow, 2005.

A repetição da matriz imagética cria continuidades e dispersões: nesta propaganda de camisas Arrow, vemos a ressonância da Pietá transferida para a identidade masculina. Esse “novo pai”, construído a partir da antiga cenografia, repete gestos imemoriais da maternidade, re-instaurando e re-configurando a produção identitária.

Essas funções sociais das práticas identitárias são asseguradas pela ampla oferta de modelos difundidos por processos de imitação e formas ritualizadas. Socialmente úteis, as matrizes identitárias estabelecem paradigmas, estereótipos, maneiras de agir e pensar que simbolicamente inserem os sujeitos em uma “comunidade imaginada”. A sofisticação técnica produz uma verdadeira saturação identitária através da circulação incessante de imagens que têm o objetivo de generalizar os modelos. A profusão dessas imagens age como um dispositivo de etiquetagem e de disciplinamento do corpo social.

Os discursos veiculados pela mídia, baseados em técnicas como a confissão (reportagens, entrevistas, depoimentos, cartas, relatórios, descrições pedagógicas, pesquisas de mercado) operam um jogo no qual se constituem identidades a partir da regulamentação de saberes sobre o uso que as pessoas devem fazer de seu corpo, de sua alma, de sua vida. Articulados a outros enunciados que com eles dialogam em outros espaços da vida social (o jurídico, o religioso, o político etc.), os textos da mídia são verdadeiros dispositivos por meio dos quais se instalam representações, forjam-se diretrizes que orientam a criação simbólica da *identidade*. Como pretendemos ter indicado, na nossa época a mídia é uma fonte poderosa e inesgotável de produção e reprodução de subjetividades, evidenciando sua sofisticada inserção na rede de poderes que criam as sujeições do presente.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **Identidade. Entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978.
- FOUCAULT, M. Dois ensaios sobre o sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. (Orgs.). **Michel Foucault**. Uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.
- HALL, S. **Identidade e pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- LACLAU, E. **New Reflections on the Resolution of our Time**. Londres: Verso, 1990.
- ROLNIK, S. Toxicômanos de identidade – subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, D. (Org.). **Cultura e subjetividade – saberes nômades**. Campinas: Papiurus, 1997.
- SOUSA SANTOS, B. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. In: _____. **Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 2000.

Recebido em 30/03/2008

Aprovado para publicação em 15/05/2008.

SOBRE A AUTORA

Maria do Rosário Valencise GREGOLIN é doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Unesp. Realizou pós-doutorado na Universidade de Aveiro, Portugal. É docente do Departamento de Linguística. Atua na graduação e no Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Unesp/Araraquara. Líder do Grupo de Estudos de Análise do Discurso de Araraquara (CNPq/Unesp). Membro do grupo de pesquisa História da Leitura, do livro e das bibliotecas (CNPq/Unesp). Autora de vários artigos, autora e co-organizadora de vários livros. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Análise do Discurso, atuando principalmente com seguintes temas: discurso, sujeito, história, memória, mídia e produção de identidades.

E-mail: mrgregolin@uol.com.br